

LEITURA REFLEXIVA, TEATRO E LITERATURA COM ODILON ESTEVES

Iracema Campos Cusati

Doutora em Educação
Universidade de São Paulo

Resumo:
O prazer da leitura, a formação do leitor e os novos conhecimentos promovidos pela interpretação do ator Odilon Esteves são salientados neste capítulo para fomentar uma reflexão sobre o uso didático das palestras cênicas na formação cultural e na ressignificação da vida na contemporaneidade. O universo poético acessado pelo ator-leitor é composto de contos, poesia e prosa recheados de subjetividade e paixão na visitação das obras literárias a que teve acesso pela via dos afetos. Sob a égide do paradigma do questionamento do mundo, as obras são visitadas e estudadas em busca de compreensão das razões de existência e permanência. Na decifração das palavras, por um processo de apreensão do subjetivo e do singular, o ator-leitor-autor utiliza a percepção crítica da realidade e a reescrita do lido para apreender os múltiplos significados dos textos apresentados. Enfim, um convite a uma travessia afetiva por livros e autores que aguçam a curiosidade e ampliam o conhecimento do leitor.
Palavras-chave: Leitura. Literatura. Poesia. Odilon Esteves.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O deleite e a fruição de uma leitura reflexiva nos permite trilhar um percurso rico para entender a nossa realidade representada por escritores, poetas e cientistas que nos impelem inquietações profundas face aos mistérios da vida e, inclusive, ao incontrolável desejo de construir - ou descobrir - algo que transforme a existência da humanidade, traduzindo-se em solidariedade social. Sonhos de um mundo menos desigual e mais empático, em que haja compreensão e respeito às escolhas, que são individuais, muito embora impregnadas de humanidade.

O texto literário pode propiciar ao leitor um exercício de autoconhecimento e, metaforicamente, como um espelho no qual se percebe, levá-lo a reflexão e formulação de questionamento sobre sua existência no mundo.

A função catártica da literatura é como um remédio que cura nossa alma. A concretude da força poética nos mobiliza e nos conduz ao encontro das metáforas no liame entre a materialidade simbólica e o leitor. A importância do outro na formação de um sujeito – leitor, que interage com pessoas e contextos, foi anunciada por Odilon Esteves[1]: "Há autores e obras que entraram em nossa vida por indicação de uma professora, um professor ou uma pessoa amiga." Prossegue dizendo que "Verdadeiros universos nos são muitas vezes desvelados graças a um livro, ampliando nossa capacidade de sentir empatia pela convivência com histórias, personagens, tipos de linguagem etc."

Os novos conhecimentos promovidos pela leitura subjetiva - regada com a sensibilidade de Odilon Esteves - transitam na ética, na estética, no epistêmico, no social, na política, no transitório e no permanente, desvelando homens e mulheres que não são mais meros expectadores da história, mas protagonistas de sua construção.

A arte, necessidade humana, existe para provocar, nos aproxima de outras vivências e nos impõe a subjetividade como caminho para evolução trazendo à tona valores fundamentais. Afinal, é na cultura que preenchemos os vazios da existência.

A partir das contribuições de Odilon Esteves "... abrindo Janelas..." para a literatura, a educação e a arte em geral se entrecruzarem na construção de nossos imaginários, busco, neste texto, desenvolver uma reflexão sobre o uso didático das palestras cênicas para apresentar novas possibilidades de significar e ressignificar a vida na contemporaneidade.

A LITERATURA E A ARTE CRIATIVA DE ODILON ESTEVES

Odilon Esteves, um ator diferenciado, apresenta sua arte singular e alimenta a construção de novos imaginários ao evocar leitores, admiradores e apaixonados pela linguagem poética de autores nacionais e internacionais. Ao fazer Arte com Literatura, apresenta seu trabalho a professores e estudantes dos ensinos Fundamental e Médio utilizando recursos que são do teatro como leituras dramáticas e interpretação de textos literários.

Há anos Odilon Esteves criou e desenvolveu uma série de encontros chamados "Para abrir uma janela – um percurso afetivo do leitor com seus livros" nos quais o ator-palestrante utiliza recursos do teatro para propor um mergulho nas relações entre leitores e livros a partir de um elenco de autores como Drummond, Manoel de Barros, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Antonio Prata, Bertold Brecht, Eduardo Galeano entre vários outros. Em suas palestras cênicas, que ocorrem de manei-

ra interativa com os participantes, Odilon apresenta a literatura mediada pela atividade teatral, recupera a inocência da infância, aquele tempo de descobertas e nos convida "Para abrir outras janelas".

Nessa perspectiva, para incentivar a leitura Odilon Esteves[2] dedicou-se, recentemente, à peça literária on-line «*Na sala com Clarice*" e às palestras cênicas intituladas "*Para abrir outras janelas*".

Contos, poesia e prosa permeiam os encontros literários que, recheados de detalhes aparentemente subjetivos, revelam sua paixão pelas obras literárias que teve acesso pela via dos afetos. Desse modo, os textos, as palavras e o contexto encarnam no seu canto, nos seus gestos, no assobio e na tonalidade de cores materializadas em suas apresentações.

Para a decifração das palavras, em sua leitura, utiliza a percepção crítica da realidade, a interpretação e a reescrita do lido por um processo de apreensão do subjetivo e do singular no texto e não por memorização mecânica.

O universo da linguagem dos autores expresso por crenças, gostos, receios, temores e valores é apropriado e recriado por Odilon. Sua narração flui naturalmente, revelando de forma encantada o seu mundo particular – implicado pela arte cênica, pela literatura, pela compreensão crítica do ato de ler e de interpretar – constituído de percepção crítica e de delicados encontros.

A arte criativa de Odilon Esteves se pauta das experiências, das necessidades e dos interesses daqueles que compartilham com ele a concretização dos frutos da imaginação. E vai além, pois depende também de conhecimentos técnicos e do meio ambiente que nos rodeia, ou seja, fatores que não são tão simples e evidentes de serem observados e que, com delicadeza e perspicácia, lança mão.

Seu ofício minuciosamente planejado e ensaiado para cada encontro proposto é realizado de forma periódica, contínua e sistemática durante anos. Conta com uma diversidade de obras e ar-

tefatos de cunho científico, lúdico e pedagógico.

Com a apresentação de textos e autores que expressam sua predileção e que, de algum modo, estão integrados ao seu cotidiano, Odilon estimula a leitura.

As palestras literárias criadas por Odilon Esteves constituem um processo histórico, científico, artístico e técnico que culmina num voo livre de fantasia e omnipotência de gênio. Numa declaração sensível Odilon expressa que, por muito individual que pareça, sua criação encerra em si um coeficiente plural.

A literatura lhe chegou por afetos ("um amigo, uma amiga, uma professora admirada, um amor, uma pessoa querida da família") e nos convida ao exercício de fazer um percurso por livros e autores que entraram em sua vida graças à mediação desses afetos e que, segundo ele, foi transformador, um mergulho na sensibilidade através da literatura.

O percurso de leitor que Odilon Esteves nos convida a trilhar, enquanto faz sua apresentação, se caracteriza por momentos distintos: o dele e o nosso. O convite ao exercício de passar por esse percurso, estritamente afetivo, e buscar na memória "livros e autores ou momentos, que podem ser de outras obras de arte também, mas que abriram janelas" em nossas vidas e quanto uma obra nos constituiu, ou seja, "quanto, às vezes, uma obra foi fundamental para o que a gente se tornou", destaca Odilon em sua apresentação.

A travessia que ele nos propõe desvenda que entre a Literatura e a Educação há uma expressão de liberdade, um espaço para a novidade, uma viagem no tempo, que produz pensamentos, reflexões e nos mobiliza para um exercício de compreensão do passado cravado no tempo presente.

Odilon apresenta a canção Valsa Brasileira para ilustrar o início do seu encantamento pelo texto poético e do seu entendimento de que é possível viajar no tempo junto com a poesia. Talvez Odilon quisesse que o mundo fosse um pouco parecido

com as letras do Chico Buarque e assim poderia declarar o seu sentimento de "amor por conhecer alguém: um amigo, uma amiga, não necessariamente um amor conjugal, mas cujos sintomas são passionais" (Odilon Esteves).

Passemos à canção narrada por Odilon, ***Valsa Brasileira***, que tem Letra de Chico Buarque e Melodia de Edu Lobo:

> Vivia a te buscar porque pensando em ti corria contra o tempo
> Eu descartava os dias em que não te vi
> Como de um filme a ação que não valeu
> Rodava as horas pra trás
> Roubava um pouquinho
> E ajeitava o meu caminho pra encostar no teu
> Subia na montanha, não como anda um corpo, mas um sentimento
> Eu surpreendia o sol antes do sol raiar
> Saltava as noites sem me refazer
> E pela porta de trás da casa vazia
> Eu ingressaria
> E te veria
> Confusa por me ver chegando assim
> Mil dias antes de te conhecer

Chico Buarque usou uma sequência de verbos no pretérito imperfeito, um tempo verbal que indica um fato passado duradouro. São fatos habituais no passado: "*Vivia a te buscar porque pensando em ti corria contra o tempo ...*"

No fim da letra, o autor muda o tempo verbal para o futuro do pretérito, indicando um fato futuro em relação a outro passado – o desejo, a procura, ...; enfim, todos os sentimentos se materializaram.

Segundo Odilon Esteves, Chico Buarque mostra que o personagem já tem o amor interiorizado, já sabe da grandeza desse sentimento e como é a amada que ele busca; pois, ele a conhece

mesmo antes de conhecê-la - esse saber acaba se materializando nos verbos "*ingressaria*" e "*veria*".

Podemos perceber que há uma ausência específica, no início da letra, e uma presença específica, no final do texto, revelando o tema da canção: a transformação de uma ausência específica em presença específica, de pessoas que não partilhavam o mesmo espaço (não se conheciam). Portanto, uma poesia que transita com o tempo dos verbos no passado, no presente e no futuro.

A presença (ou a ausência), o modo de ser de alguém que se mostra (ou não) e estabelece uma relação com o outro é explicita na teoria das representações desenvolvida na obra escrita por Henri Lefebvre. Em seu livro seminal sobre a temática: *A presença e a ausência*[3], Lefebvre explicita uma teoria e um conceito de representação que fundamenta uma abordagem cultural e multidimensional, articulando os campos da dialética e da fenomenologia; em outras palavras, elementos inerentes ao método necessário para a compreensão dos processos de produção dos espaços vividos na contemporaneidade.

Lefebvre (2006) busca elucidar a história do conceito de representação no pensamento filosófico e de ideologia presente na obra de Karl Marx. Se, por um lado, enfatiza que representação não é necessariamente ideologia, por outro, afirma que é impossível viver sem representação, que as representações são formas de comunicar e reelaborar o mundo, aproximações da realidade que, no entanto, não podem substituir o mundo vivido. Lefebvre nos explica que, justamente, quando o vivido é substituído pelo concebido é que a representação se torna ideologia. No livro supracitado somos conduzidos a pensar em como dominar o conceito de representação, ou melhor, com quais representações trabalhamos na produção do conhecimento.

Na Antologia Poética de Carlos Drummond[4] há um poema no qual a questão da ausência é aprendida e a angústia existencial, decorrente da solidão, é elaborada pela Arte. O poeta nos mostra pela elaboração da falta, inerente do ser humano, a metáfora

da criatividade ao encher a ***Ausência***[5] com arte, poesia, literatura, ciência e conhecimento:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
Que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Ao divulgar um vídeo, com o poema "***Ausência***" escrito por Vinícius de Moraes no Rio de Janeiro em 1935, Odilon comenta: "- A vida é mesmo a arte do encontro embora haja tanto desencontro! E conclui: "- Voltemos à poesia... que este alimento não nos é proibido!"

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto.
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz.
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado.
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados
Para que eu possa levar uma gota de orvalho nesta terra amaldiçoada
Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado.
Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo
[da noite
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado.

> Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos.
> Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir
> E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas
> Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada.

Nesse poema **"Ausência"**, o autor Vinicius de Moraes expressa a tristeza e a dramaticidade pelo sentimento que sente de saudade. Quando lemos ou ouvimos o poema emerge uma melancolia que na narração de Odilon Esteves é emblemática pelo simples fato dele sentir a tristeza constante do poeta e demonstrá-la num cenário de solidão.

Os aspectos transitórios da vida humana podem ser considerados como potencialidades que, quando empreendidas, se transformam em realidades.

Guimarães Rosa[6], ao expressar sua visão sobre a transitoriedade da existência humana, dizia:

> [...] cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens. Conheço meu lugar e minha tarefa; muitos homens não conhecem, ou chegam a fazê-lo quando é demasiado tarde. Por isso, tudo é muito simples para mim, e só espero fazer justiça a esse lugar e a essa tarefa. (ROSA, 1994, p. 30).

Os intrincados vieses da ambiguidade, da incomunicabilidade e da angústia existencial, presentes na narrativa de Guimarães Rosa são apresentados juntamente com a imagem da travessia como alegoria do viver e a delicada relação entre pai e filho no admirável conto intitulado "A terceira margem do rio".

Odilon apresenta, no relato do filho, a decisão do pai de construir uma canoa para nela viver, no rio, desistindo do convívio familiar e deixando para trás a mulher e os filhos. E assim passou a viver entre uma margem e outra, no meio do rio, próximo aos olhos da família, mas sem contato. O pai não atravessa

o rio, ele se torna uma margem misteriosa - a terceira margem. Esse barqueiro é o personagem no limiar entre dois mundos, que permanece no meio do rio, dentro da canoa. A ausência--presença do pai no âmbito familiar é como uma morte em vida, pois "Partir é morrer um pouco" (BACHELARD, 1998, p. 77)[7] e aquém das três margens, o filho cuidava do pai e almejava sua canoa para a travessia, para renascer em outra margem do rio, o mistério, o indizível.

No título da narrativa algo de insólito na peculiar imaginação rosiana pode gerar estranheza. Um rio pode ter a terceira margem? Interrogação que caracteriza um convite à reflexão e a participação do leitor resgatando elementos da natureza atravessados pelo insaciável desejo humano de amar e sua capacidade de reconstrução após um sofrimento ou pela elaboração de desencontros.

Essa constante sede de amar, própria da natureza humana, é concretizada nos encontros com Odilon quando aborda o tema amor - e o ressignifica por meio da arte, da palavra e do compartilhamento de experiências - ao narrar textos de autores como fez com os de Carlos Drummond de Andrade, cânone da poesia do século XX:

> ***Amar*** (de Carlos Drummond de Andrade. Do livro Claro Enigma)
> Que pode uma criatura senão,
> entre criaturas, amar?
> amar e esquecer, amar e malamar,
> amar, desamar, amar?
> sempre, e até de olhos vidrados, amar?
>
> Que pode, pergunto, o ser amoroso,
> sozinho, em rotação universal,
> senão rodar também, e amar?
> amar o que o mar traz à praia,
> o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
> é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o cru,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho,
uma ave de rapina.
Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor,
e na secura nossa amar a água implícita,
e o beijo tácito, e a sede infinita.
ESTEVES, Odilon. *Amar.* **Youtube**, 08 de agosto de 2017.

Há outras narrações disponibilizadas no canal do Youtube de Odilon Esteves. Do mesmo autor é possível acessar os vídeos com narração de "Além da Terra, além do Céu", "A palavra mágica", "Poesia" e "O homem; as viagens..."

O poema a seguir foi publicado em 1930 no livro "Alguma Poesia", de Carlos Drummond de Andrade, atualmente editado pela Cia. das Letras.

Poesia
Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.

De forma poética, Carlos Drummond de Andrade retrata os problemas da humanidade: a desigualdade social, a fome, o excesso de lixo, a poluição, os conflitos de toda ordem, as guerras, a colonização (ato de apropriação de um território, de domínio político e de imposição cultural). Além de sua contribuição para a literatura brasileira por provocar a sensibilidade da época, a grandeza desse escritor é expressa pela universalidade e atualidade permanente de seus textos que romperam com a tradição literária em vigor no país à época, quando seguia os modelos clássicos europeus. Abordou temas cotidianos e também promoveu questionamentos filosóficos, reflexões que têm profundidade numa multiplicidade de temas e de circunstâncias – ou ausência delas - recriadas em poesia para falar à sensibilidade do homem moderno.

Em seu poema "*Procura da poesia*", Carlos Drummond de Andrade faz uma investigação sobre o ofício de ser escritor e sua própria condição humana, sobre a lida diária com as palavras em busca da materialização da poesia e sobre o caráter autônomo do universo poético, explicitando a constatação de que a existência humana oscila entre a tragédia e a comédia.

Historicamente, a literatura e a arte teatral iniciaram com o domínio que o homem, gradualmente, fez da linguagem. A valorização da interpretação do poeta e os temas atuais para conscientização sobre segurança/bem-estar, educação, instabilidade política, amor ao próximo e promoção de justiça social são destacados por Odilon não apenas para expor a beleza da obra de Drummond como também para externar os sentimentos que impulsionam o fazer poético e os amantes das palavras. A literatura, embora seja uma fotografia de seu tempo, não está alheia ao seu papel social e, portanto, é indispensável à difusão da cultura e democratização do conhecimento.

CONEXÕES ENTE LEITURA REFLEXIVA, TEATRO, LITERATURA E CONSTRUÇÃO DE MUNDO

Hunt[8] (2021)[9] revisita as conexões entre literatura, empatia e direitos humanos para destacar como estas imbricações podem iluminar questões atuais e reverberar sobre a nossa relação com a história e com a dualidade entre *self* e sociedade. Segundo Hunt (2021), a cultura conduz quem está sujeito a esta identificação e incrementa seus debates pois a tendência humana é sempre ficar ao lado dos oprimidos e não dos opressores. "A literatura pode destacar vários tipos de conflitos e nos ajudar a entendê-los, porque ela é muitas vezes sobre pessoas que sentem que não se encaixam nos costumes de seu tempo. Isso não quer dizer que a literatura salva ninguém, mas ela nos fornece elementos para escolhermos ser melhores ou não em nossa humanidade" (HUNT; BIGNOTO; MINCHILLO, 2021, p. 137). (tradução minha).

Considero que a literatura entretém, nos aproxima e nos iguala pois é libertária e conduz a universos que proporcionam a incorporação de experiências vividas e recriadas via musicalidade, emotividade e entretenimento. Por ser uma manifestação artística, a literatura usa a palavra como matéria-prima, instrumento de comunicação, e extrai dela seus múltiplos significados para falar da realidade, movimento indispensável na formação cultural e social de um povo.

Paulo Freire afirma que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele." (FREIRE, 1989, p. 19)[10]. Nesta frase, o estudioso destaca que na prática pedagógica, por isso política, o apoio na realidade vivida é a base para qualquer construção de conhecimento. "Linguagem e realidade se prendem dinamicamente" (ibidem, p. 19) e a importância do ato de ler, preconizada por Freire, nos convoca a valorizar a leitura crítica do real - a percepção das relações entre o texto e o contexto - que, por meio de atividades educativas, atua como agente de transformação do ser humano.

Thiollent[11] ressaltava em 2011 que em toda pesquisa há um ponto de partida e um ponto de chegada e que nesse intervalo, para o autor, há uma multiplicidade de caminhos que podem ser percorridos, considerando e respeitando as circunstâncias. Entre o ponto de partida, a fase exploratória e o ponto de chegada, quando ocorreram os encontros, elegi, nesse capítulo ancorado na forma de ensaio, anunciar Odilon Esteves e seu importante trabalho cênico-literário de apresentar ao seu público textos de autores consagrados oralizando a palavra escrita *vis a vis* um percurso único e de grande potencial catalizador de prazer. Justificativas, não sou adepta a elas, mas ouso esboçar um caráter didático nesta escolha.

A arte literária está relacionada com a leitura de textos verbais e por isso ela é considerada como sendo a arte construída pelas palavras.

Faço uma análise de inspiração ontológica porque ainda me falta acesso a elementos mais concretos. No entanto, nada que reduza a afetividade, a dicção e a identificação entre autor e obra literária permeadas pela sensibilidade de Odilon e o fascínio que exerce nas pessoas pela significância de seu ofício.

Vygotski (1987, p. 7)[12] já nos alertava que junto com a expressão verbal, a representação teatral constitui um aspecto frequente e estendido de criação artística desde a infância. "A atividade criadora é toda realização humana que inaugura algo novo." Remetemos também ao autor a assertiva sobre a função criadora que é uma regra no ser humano e não uma exceção. Os primeiros processos criadores são os jogos que propiciam uma comunicação por meio de personagens e a possibilidade do desenvolvimento da imaginação que amplia repertório, promove interações e expressa desejos e necessidades. Imaginação e Criatividade é inerente ao ser humano (VYGOTSKI, 1987b, p. 39)[13]. Contudo, em Odilon Esteves Imaginação e Criatividade são fios que compõem a tessitura do devir, do pensar e do sentir a arte e as relações com a condição humana, com a educação, com sua vida voltada a encantar...

Em Odilon, os mecanismos da imaginação criadora advêm de um processo de composição sumamente complexa de diálogos além mar. O começo desse processo é permeado de percepção externa e interna do leitor que, associada a impressões vividas e concebidas, resulta no primeiro ponto de apoio para sua futura criação, sua interpretação única, sua fantasia, sua resistência. Como bem define Nelson Maldonado Torres em sua crônica "Arte como território de re-existência"[14], a resistência não é apenas a negação do poder opressivo, mas também uma questão de criar formas de existência num mundo que se deseja humano.

Parece-me ser esse o exercício de Odilon: criar formas de existência, incluindo formas de sentir, pensar e agir em um mundo que o constitui através de várias insurgências que o constrói.

Algumas questões básicas sobre arte no mundo moderno/colonial necessitam problematização.

> Às vezes se pensa que a arte, por si só, é uma forma de resistência ao mundo moderno e sua fixação com a ciência e a tecnologia. Seria uma afirmação do sentimento estético e da valorização da beleza acima da lógica utilitária e funcionalista da modernidade. No entanto, é necessário questionar até que ponto essa mesma definição de arte como estética (além da ciência e da ética) e como uma dimensão privilegiada de expressão do belo não é apenas parte do mundo moderno, mas também impõe uma limitação a qualquer esforço de re-existência. [...]. A re-existência é uma erupção que envolve o pensamento, a ação, o sentimento e a percepção. (MALDONADO-TORRES, 2017, p. 27).

Ao explorar o tema da arte como território de resistência Maldonado-Torres afirma que uma das razões pelas quais a re-existência é imposta como um tema crucial no enfrentamento da modernidade é que ela se caracteriza não apenas pelo privilégio da ciência e tecnologia, mas também e talvez mais fundamentalmente pela negação da existência de sujeitos, artefatos e grupos humanos considerados não modernos.

Essa negação da existência não é apenas metafórica já que se manifestou e está apoiada em atividades de colonização, escravidão

racial e genocídio. "Hoje se manifesta em violência desproporcional, morte precoce, recursos escassos, poluição ambiental, assassinatos, estupros sistemáticos e deslocamento territorial entre muitas outras formas de negação." (MALDONADO-TORRES, 2017, p. 27).

Ancorada na afirmação do corpo e do território como bases materiais e concretas da vida humana, a arte como território de re-existência se refere, do ponto de vista decolonial, à criação de áreas de afirmação da vida frente ao mundo colonial. A reivindicação da arte como território de re-existência significa o envolvimento, necessariamente, na descolonização da arte em si quanto a sua ligação com outras formas de descolonização. É também uma expressão do desejo de estabelecer uma relação com o outro e com os padrões de percepção existentes de espaço, tempo, subjetividade e intersubjetividade, pois

> A sociedade passa por um momento em que a luta não se trava mais entre concepções diferentes de cultura, entre cultura e a contracultura, alta cultura e cultura de massa, mas entre a cultura e a descultura pura e simples [...] (PERRONE-MOISÉS, 2003, p. 203)[15].

Enfim, luta com consequências diretas sobre o real, entre o poder econômico globalizado e as aspirações políticas e culturais localizadas, entre universalismo e particularismos, de uma barbárie globalizada. A ocasião urge rediscutir o lugar e o sentido da cultura contra o obscurantismo da religião, da ideologia e da economia em prol de uma qualidade de vida que preserve o mundo.

Para finalizar, retomo a temática do amor traduzida na possibilidade de amar e poder expressar abertamente o que sente com delicadeza e humor refinado. Em um dos encontros, entre tantas obras que nos apresentou, Odilon nos trouxe um excerto da peça de teatro "Por Elise", escrita e dirigida por Grace Passó, numa narrativa recheada de lindas metáforas.

Grace Passô também é a atriz que conduz a trama da personagem que plantou um abacateiro em sua casa e vive com medo de que um dos frutos caia na sua cabeça. Com simpatia conquista

todos ao contar as histórias da dona de casa – Elise – e de seus vizinhos e passantes, enquanto foge dos abacates que caem da árvore que plantou em seu quintal. "Cuidado com o que você planta", diz sabiamente logo no começo do espetáculo.

A peça é chamada "Por Elise"[16] por causa da música de Beethoven e tem em sua composição situações de encontro entre os personagens que descortinam o universo humano de cada um: as contradições de seus sentimentos, as formas como vivem e se envolvem ou se protegem das relações. Nessa travessia, o amor espanca as pessoas, docemente. Metaforicamente é extravasado.

O texto, que esboça situações do cotidiano, foi elaborado no processo da criação do espetáculo "Por Elise", do grupo Espanca!, em 2005 em Belo Horizonte, e lançado pela Editora Cobogó.

Reviver a peça através dos olhos de Odilon foi espetacular. A simplicidade do espaço vazio e a potência do fruto de uma árvore desvelam, pela teatralidade, as relações humanas contemporâneas.

Sergio Salvia Coelho publicou na *Folha de São Paulo*, no dia 09 de outubro de 2005, entre outros comentários: "Como uma fábula de formação, seguindo o caminho do haicai em seus saltos narrativos e seus silêncios profundos, "Por Elise" tira poesia até mesmo da música dos caminhões de gás (sim, é a ela que o texto alude). Frases banais vão ganhando profundidade a cada repetição, e o público descobre, encantado, que está recebendo profundas lições de vida de um elenco tão jovem. Cada metáfora, contundente e inesperada, cai com precisão, enchendo o ouvinte de dor e doçura: "Espanca doce", como a queda do abacate, dando nome ao grupo que saiu de Belo Horizonte com seu primeiro trabalho e vem se consagrando pelo Brasil todo. Personagem de si mesma, Grace mostra em seu texto encontros entre personagens implausíveis, como a gente encontra na vida cotidiana". "[...] Conclui o crítico: "Por Elise", com sua delicadeza e maturidade, é um desses espetáculos que parece ter sido feito especialmente para cada um da plateia. Deixa saudades, como

uma conversa sincera entre amigos." Parafraseando, concluo que o trabalho de Odilon Esteves aproxima de uma prosa entre amigos confidentes que reflete a consciência do outro num chamamento público à reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel das artes em geral (incluindo a literatura) é eliminar fronteiras pois, ao desconstruir rótulos, busca promover uma relação empática entre leitores e personagens. No entanto, muitas vezes, esta relação é minada pelo sensacionalismo e pela construção de ideologias radicais de diferenças - percebidas entre nós e os outros - que constituem o ponto de partida para a formação de diversos tipos de preconceitos e de práticas de discriminação nos tempos modernos.

Talvez eu esteja adentrando no terreno das utopias, mas é momento de se pensar em uma educação também assentada em saberes proporcionados pela arte. No caso das experiências literárias que apresentamos neste capítulo, elas nos fazem refletir sobre a cotidianidade a partir da perspectiva do outro. Podemos aprender lições várias com as experiências compartilhadas, pois são situações que engrandecem a percepção do mundo e do outro.

NOTAS

1 Odilon Esteves é ator. Formou-se no Cefart/Palácio das Artes e na UFMG. É membro-fundador da Cia. Luna Lunera, de Belo Horizonte, com a qual realizou diversos espetáculos. Tem incursões no cinema e na TV. Criou e mantém, no YouTube e nas redes sociais, o projeto de difusão literária "Espalhemos Poesia".

2 Odilon Esteves participou de eventos científicos do PPGFPPI em dois momentos importantes para a pós-graduação da UPE Campus Petrolina: no II CIESA e na aula inaugural que marcou o retorno das atividades acadêmicas presenciais.

3 LEFEBVRE, Henri. **La Presencia y La Ausência**: contribuicion a la teoria de las representaciones. México. Fundo de Cultura Econômica, 2006.

4 Carlos Drummond de Andrade nasceu dia 31 de outubro de 1902 em Itabira, cidade do interior de Minas Gerais, e desde cedo ele já demonstrava afinidade com a literatura. Em sua trajetória profissional, foi professor de Geografia e Português, redator-chefe do jornal Diário de Minas e funcionário público do Ministério da Educação que, naquela época, ficava no Rio de Janeiro.

5 ANDRADE, Carlos Drummond de**. Obra Poética**. Volumes Único. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

6 ROSA, Guimarães. **Ficção completa volume I**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

7 BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

8 Lynn Avery Hunt, nascida na Cidade do Panamá, é uma reconhecida historiadora que trabalha na Universidade da Califórnia em Los Angeles. É especializada na história da Revolução Francesa, mas também reconhecida por seu trabalho com enfoque de gênero e em história cultural. Desenvolve investigações sobre o papel da literatura universal para o desenvolvimento da concepção de direitos humanos.

9 HUNT, Lynn; BIGNOTO, Cilza; MINCHILLO, Carlos Cortez. Empathy has biological foundations, but culture determines who will be the subject of that identification. **Rev. Bras. Lit. Comp.,** Porto Alegre, v. 23, n. 43, p. 134-139, mai.- ago., 2021.

10 FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

11 THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

12 VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **La imaginación y el Arte en la Infancia**: Ensayo Psicológico. México: Hispánicas, 1987a.

13 VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Thinking and speech. In: **Collected works of L. S. Vygotsky**. New York: Plenum, p. 39-285, 1987b.

14 Publicado originalmente como Maldonado-Torres, N. A arte como território de re-existência: uma abordagem decolonial. América Social: **Revista de Estudos Sociais**, vol. VIII, p. 26 – 28, 2017.

15 PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

16 Do alemão Für Elise (Bagatelle em Lá menor), do compositor Ludwig Van Beethoven, é entre as obras deste uma das mais conhecidas mundialmente. A composição para piano "For Elise" é tecnicamente fácil para iniciantes e é executada com muita frequência. Aos 28 anos, já consagrado compositor, concertista e intérprete, o jovem músico começou a sentir problemas de audição, diagnosticados mais tarde como uma doença degenerativa. Afastou-se do convívio social no auge de sua fama e, desencantado com o mundo, viveu como compositor e professor. Beethoven escreveu em seu testamento a sua convicção na música como única redentora de todos os males e, passada a fase depressiva, afirmou: "Só a arte me amparou".